

## O CORPO COMO MATERIALIDADE DO/NO DISCURSO

Simone HASHIGUTI

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Simpósio II: Real da língua, do sujeito, da história e do discurso. Mônica Zoppi Fontana e Belmira

Rita Magalhães

No romance “A letra escarlata”, de Nathanael Hawthorne<sup>1</sup>, a letra A, bordada em tecido escarlata e pontilhada com fios dourados, quando pregada ao vestido da personagem Hester, marca a infâmia, posicionando-a como pecadora para o olhar do outro. Condenada a usá-la até o fim de seus dias, a letra, com o tempo, passa a fazer parte de seu corpo. Sua descrição física, como aponta o narrador da estória, não trazia nada que explicitasse o que se considerava ser seu crime: “Era jovem, esbelta e muito elegante. Seu cabelo basto e negro brilhava ao sol e seu rosto, além de formoso e suave, impressionava pela curva altiva das sombrancelhas e dos misteriosos olhos negros. Suas maneiras gentis caracterizavam-se, de acordo com a época, por uma compostura e dignidade (...)” (p.15), mas através da letra incorporada, ela passava a ser identificada pelo seu corpo como criminosa, adúltera que teria determinados seu lugar na comunidade (uma casa afastada de tudo e de todos), os dizeres a ela e sobre ela. Excluída socialmente pela letra cuja identificação a personagem incorpora, a marca no corpo posiciona-a discursivamente.

Neste trabalho, também trato de marcas no corpo que são entendidas como materialidades significantes no discurso e que posicionam os sujeitos em lugares de fala, criando identificações e determinando sentidos. São materialidades que, como a letra de Hester, considero ser as primeiras a se apresentarem à significação para o outro quando do

---

<sup>1</sup> HAWTHORNE, N. (1850) *A letra escarlata*. (trad. de I. Mielnik) Clube do Livro, 1949. 183 p.

acontecimento do discurso no âmbito do visual, isto é, quando da inter-relação pessoal entre sujeitos. São as marcas de um corpo físico, simbólico e imaginário ao mesmo tempo que constitui o sujeito.

Pensando que o corpo é *forma material* no-do discurso, tomo-o, tal qual a língua, como um todo de dimensões interconstitutivas no jogo de significações: uma *dimensão real ou biofísica* – da estrutura físico-motora cujo funcionamento possibilita os gestos, e que tem elementos específicos em sua composição (altura, peso, formato do rosto, dos olhos, do cabelo, cor de pele, de olhos e cabelos etc) –, uma *dimensão simbólica* – que diz respeito à atribuição de seus sentidos por gestos de interpretação na história e à sua constituição pela memória discursiva que possibilita suas formulações (gestos) –, e uma *dimensão imaginária* – que possibilita o surgimento de uma unidade de identidade do sujeito na relação imaginária estabelecida com outros sujeitos no discurso.

O corpo é, em muitas disciplinas, tomado como biológico, natural, segmentável, controlável e transparente, mas na perspectiva discursiva, ele se desloca para o lugar da opacidade, revelando-se como *forma material* que se constitui no-pelo olhar que o discurso possibilita. Um corpo pode ser bonito, obeso, magro, normal ou estranho a partir do olhar. O olhar aqui não é a capacidade da visão, mas o gesto de interpretação opticamente possível no discurso. Na inter-relação pessoal entre sujeitos, a identificação social é um processo que se relaciona à sua condição corpórea, ao fato de que ele é sujeito de-em uma corporalidade e que essa corporalidade é apreendida pelo olhar mesmo antes que ele fale. Essa anterioridade da materialidade corpórea determina direções de sentidos, pois o olhar é sempre olhar pelo discurso.

No percurso da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo sobre o corpo pela perspectiva discursiva, tomo para análise o corpo e os gestos corporais de sujeitos

brasileiros, descendentes de japoneses. A origem da pesquisa veio do questionamento sobre as relações entre memória discursiva e descendência. Primeiramente analisando os gestos como formulações do corpo, constituídos por memória discursiva (que no caso desses sujeitos, é uma memória híbrida, de discursividade brasileira e japonesa), o foco no corpo enquanto materialidade que determina sentidos se deu pelo deslizamento do objetivo de compreender a relação verbal/não-verbal para o de compreender o funcionamento do corpo discursivo.

Na dimensão real do corpo do sujeito imigrante japonês e de seu descendente no Brasil, é possível reconhecer uma estrutura biofísica comum, apreensível ao olhar: o formato dos olhos, a distância entre eles, o formato do nariz e do rosto, a cor da pele, a cor e a forma dos cabelos, a altura. Essas especificidades estruturais produzem efeito nas dimensões imaginária e simbólica. A identificação como oriental e/ou japonês, com o freqüente apelidamento como “japonês”, “japonesa”, “japa” ou “japita” ou Japão”, por exemplo, é possível pelo corpo real e pelo olhar que os discursos de imigração (no Brasil e no Japão) constituíram na história. O sujeito descendente de japoneses, mesmo nascido no Brasil, é na maioria das vezes reconhecido, nomeado como “japonês”, porque não é a situação política de cidadania que se põe como significativa na identificação, mas o corpo.

Esse tipo de nomeação é diferente em seu efeito de posicionamento discursivo de termos como “louro”, “negro”, “magro”, “alto” ou “baixo”, por exemplo. Estas palavras não tendem a posicionar o sujeito como estrangeiro, o que é possível no termo “japonês”. Tal posicionamento é o que produz o efeito de desencontro entre a forma de como o próprio sujeito descendente de japoneses se vê e como é visto:

Eu lembro que quando eu cheguei na escola normalista eu, eu, eu meio que tive uma decisão assim. Falei assim: eu quero ser mais brasileiro que esses caras, porque eu me sinto brasileiro, eu não sou japonês, sou brasileiro, né, sou, eu me sinto brasileiro, não me sinto japonês. Comecei a tentar me integrar, fazer as coisas que eles faziam. Só nunca joguei futebol, mas enfim (risos), nem um sambinha assim é meio difícil.<sup>2</sup>

Eu sou brasileiro, sempre fui brasileiro. E, só passei a me interessar pelo Japão, primeiro, porque eu não posso renegar a minha origem, por mais que eu diga que sou brasileiro, alguém sempre me dirá que eu sou japonês, eu tenho cara, tenho cara de japonês, tenho nome japonês. Nesse sentido não renego também, mas sou brasileiro por hábitos, costumes, por pensar, por gostos.<sup>3</sup>

A contradição para o sujeito está entre o eu, que se vê brasileiro, que crê enunciar do lugar do brasileiro, se posicionando assim (“eu não sou japonês, sou brasileiro”; “Eu sou brasileiro, sempre fui brasileiro”), mas que não é visto da mesma maneira pelo outro, que o nomeia como de outro lugar, o coloca em outra posição (“alguém sempre me dirá que eu sou japonês”). E o que o coloca em outra posição é, inegavelmente, seu corpo (“eu tenho cara, tenho cara de japonês”). O que é identificada pelo outro, portanto, é a dimensão real do corpo pelo discurso, e não o posicionamento ideológico do sujeito.

---

<sup>2</sup> Esse sujeito é brasileiro, nascido de pais japoneses e crescido no Brasil. A escola normalista, à qual se refere, é a do Ensino Fundamental. Extraído de entrevista no programa *Chegados – Série Japão* (Canal Futura e Bossa Nova Produções, 2007)

<sup>3</sup> Extraído de entrevista no programa *Chegados* (idem).

A partir da análise dos dados (filmes, relatos e entrevistas), e do movimento pela teoria discursiva, depreendi que o corpo, enquanto forma material funciona como condição de produção no discurso no âmbito do visível, ao mesmo tempo em que é atravessado por diferentes e conflitantes discursos se tornando opaco e contraditório para o sujeito. Juntamente com a consideração do olhar para o corpo como gesto de interpretação, e da nomeação que acompanha o olhar, considere também importante a questão da espacialização do corpo. Se o sujeito é sempre sujeito de corporidade, seu corpo é também sempre corpo no espaço. O corpo significa ao olhar do outro pela sua materialidade e pela sua localização.

Como aponta Orlandi (2004)<sup>4</sup>, os espaços são organizados de forma política. Em diferentes espaços, diferentes corpos são permitidos, acolhidos ou excluídos, posicionando diferentemente os sujeitos. Há uma interconstitutividade entre corpo e espaço na identificação do sujeito no discurso. Por exemplo, para Hester, no romance de Hawthorne, além da marca no corpo, sua presença no pelourinho, diante do público viria reafirmar mais uma vez a infâmia. Naquele lugar só os pecadores se mostrariam. No Brasil, os corpos de descendentes de japoneses podem ser reconhecidos como japoneses, ao mesmo tempo em que, no Japão, podem ser reconhecidos como brasileiros, porque assim se lhes constituem os discursos sobre pertencimento a um país. No discurso de exclusão social da classe média-alta, um lugar como o ponto de ônibus, por exemplo, pode determinar o reconhecimento de um corpo como o de um mendigo, no caso do índio queimado vivo em Brasília, ou como o corpo de uma prostituta, no caso da mulher agredida em São Paulo. O

---

<sup>4</sup> ORLANDI, E. P. "Textualização do corpo: a escritura de si". In: **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004. 159 p.

lugar topográfico, bem como o corpo e suas marcas (as roupas, as características físicas), determinaram posições e lugares sociais no olhar discursivo do outro.

O que concludo com essas considerações é que o corpo tem sua dimensão real, biofisiologicamente construída, mas os sentidos que ele ganha não são dessa ordem, são, sim, discursivos, políticos. Neste encontro em que a proposta é discutir o real da língua, do sujeito, da história e do discurso e suas materialidades, trago, portanto, como proposta de reflexão o que considero ser algo da ordem do real do sujeito e do discurso em sua modalidade não-verbal: o corpo. Corpo espacializado, falado, olhado, simbólico, opaco, contraditório, impossível de ser apreendido discursivamente em uma totalidade lógica, tal qual a língua.